



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação
Campus Nilópolis

Beatriz dos Santos de Mello

**A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS IMAGÉTICOS DOS VILÕES NOS
CONTOS DE FADAS E SUA INFLUÊNCIA NO DESENHO INFANTIL**

Nilópolis - RJ
2014

**A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS IMAGÉTICOS DOS VILÕES NOS
CONTOS DE FADAS E SUA INFLUÊNCIA NO DESENHO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
cumprimento das exigências necessárias para a obtenção
do título de Especialista em Linguagens Artísticas,
Cultura e Educação

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues

Nilópolis - RJ
2014

M527c Mello, Beatriz dos Santos de.

A construção dos estereótipos imagéticos dos vilões nos contos de fadas e sua influência no desenho infantil / Beatriz dos Santos Mello ; orientador: Rodrigues, Jorge Luiz P. – Nilópolis, RJ : IFRJ, 2014.
41 f. : il. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) - Instituto Federal Rio de Janeiro - IFRJ, Programa de Pós – Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, 2014.

1. Contos de fadas. 2. Vilões – contos de fadas. 3. Imaginário infantil.
4. Desenho infantil. I. Rodrigues, Jorge Luís P., **Orient.** II. IFRJ. III. Título.

CDU 398.21

A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS IMAGÉTICOS DOS VILÕES NOS CONTOS DE FADAS E SUA INFLUÊNCIA NO DESENHO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como cumprimento das exigências necessárias para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Data de aprovação: 18 de março de 2014.

Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues
IFRJ- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Prof. Me. Marcelo Ghizi Freire
SENAI- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Artes Gráficas)

Prof. Esp. Suéle Maria de Lima
IFRJ- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Nilópolis - RJ
2014

A minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À Deus em primeiro lugar, aos meus familiares e amigos que ouviram meus relatos e ampararam minhas agonias ao realizar o TCC.

MELLO, Beatriz dos Santos de. A construção dos estereótipos imagéticos dos vilões nos contos de fadas e sua influência no desenho infantil 41p. Trabalho de conclusão de curso. Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* - Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2014.

RESUMO

Este trabalho trata da relação entre a construção da maldade e da feiúra em contos de fadas. Discute a construção da imagem das vilãs nas animações dos contos produzidos pelos estúdios Disney: “Branca de Neve e os sete anões” e “A pequena sereia”. Aborda também, a relevância do estereótipo do vilão na construção imagética do desenho infantil produzido a partir dos contos homônimos das animações. Após a leitura do conto “Branca de Neve e os sete anões” foram realizados pelas crianças, da rede pública de ensino, ilustrações da vilã da história para analisar a construção dela no imaginário infantil.

Palavras- chave: Feiúra. Vilãs. Imaginário infantil.

MELLO, Beatriz dos Santos de. A construção dos estereótipos imagéticos dos vilões nos contos de fadas e sua influência no desenho infantil 41p. Trabalho de conclusão de curso. Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* - Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2014.

ABSTRACT

This essay is about the connection between the construction of evil and ugliness in fairy tales. It discusses the construction of the villains' image in animation tales produced by the Disney Studios: "Snow White and the Seven Dwarfs" and "The Little Mermaid". It also talks about the relevance of the villain stereotype in the construction of children's drawing imagery produced from homonyms tales of animations. After reading the story "Snow White and the Seven Dwarfs" were performed by the children of the public schools, illustrations villain of the story to analyze the construction in her childhood imagination.

Keywords: Ugliness. Villains. Child's imagination.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1</i>	Pintura, “A abertura do Quinto Selo do Apocalipse” (1608-1614).....	13
<i>Figura 2</i>	Pintura, “Rei Fernando VII de Espanha” (1814).....	13
<i>Figura 3</i>	Pintura, “Saturno Devorando seus filhos” (1819-1823).....	14
<i>Figura 4</i>	Gravura, “O grito” (1893).....	14
<i>Figura 5</i>	Pintura, “Juízo Final” (1541).....	19
<i>Figura 6</i>	Gravura, “Satanás, traidores e benfeitores” (1480- 1495)	20
<i>Figura 7</i>	Pintura, “Dante e Virgílio no inferno” (1850).....	20
<i>Figura 8</i>	Desenho, “Fuga dos dez diabos (Canto XXIII)” (1961-1968).....	21
<i>Figura 9</i>	Pintura, “O diabo negro” (195?).....	21
<i>Figura 10</i>	Fragmento do filme “Branca de Neve e os setes anões” (1937).....	25
<i>Figura 11</i>	Fragmento do filme “Branca de Neve e os setes anões” (1937).....	25
<i>Figura 12</i>	Fragmento do filme “A pequena sereia” (1989).....	26
<i>Figura 13</i>	Desenhos realizados pelas crianças do espaço “B” (2013).....	31
<i>Figura 14</i>	Desenho “J”, pertencente ao aluno da instituição “C” (2013).....	32
<i>Figura 15</i>	Desenho “L”, pertencente ao aluno da instituição “C” (2013).....	32
<i>Figura 16</i>	Desenho “M”, pertencente ao aluno da instituição “C” (2013).....	32
<i>Figura 17</i>	Desenho “N”, pertencente ao aluno da instituição “C” (2013).....	33
<i>Figura 18</i>	Desenhos “O”, pertencente aos alunos da instituição “C” (2013).....	33
<i>Figura 19</i>	Desenhos “P”, pertencente aos alunos da instituição “A” (2013).....	39
<i>Figura 20</i>	Desenhos “Q”, pertencente aos alunos da instituição “C” (2013).....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FEIO: ANTÔNIMO DO BELO	12
2.1 O FEIO NA SOCIEDADE OCIDENTAL	12
2.2 O FEIO NA ARTE	13
3 O VILÃO E A FEIÚRA	18
3.1 A REPRESENTAÇÃO DO MALÉFICO	18
4 A CONSTRUÇÃO DA MULHER EM VILÃ	23
5 ANÁLISE IMAGÉTICA DAS VILÃS DAS ANIMAÇÕES	25
5.1 A SEGUNDA MAIS BELA DO REINO	25
5.2 A IMAGEM MALÉFICA DA BRUXA DO MAR	27
6 O DESENHO INFANTIL	29
6.1 ANTES DOS DESENHOS.....	29
6.2 O DESENHO DA VILÃ	31
7 A INFLUÊNCIA DA FEIÚRA DOS VILÕES NA CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL	35
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXO 1	40
ANEXO 2	41

1. INTRODUÇÃO

A união da feiúra física com a atitude maléfica permeia nossa cultura há séculos, e os contos de fadas, principalmente, os clássicos, aproveitam essa associação, da feiúra com a maldade, como parte de suas narrativas; mas qual é a característica de um vilão nos contos infantis? Os vilões são sempre feios nos contos infantis? A rainha má de Branca de Neve era uma mulher bonita? Quando respondemos as perguntas, fica em evidencia a classificação que atribuímos aos vilões, além da maldade, a feiúra, pois nós classificamos os indivíduos com alguns estereótipos baseados em elementos que já estão inseridos em nosso contexto sociocultural, pois “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores” (LARAIA, 2002, p.49). Qualificamos o vilão como um indivíduo feio, porque esta característica nos foi imposta ainda na infância, associando a maldade ao feio, nas belas histórias infantis.

Os estereótipos do vilão vêm de longa data. O mais conhecido deles representa a personificação do mal e tem base no cristianismo. Algumas das características do demônio, que foram criadas durante séculos, são usadas como referência para a construção imagética dos vilões das histórias infantis, porém a Bíblia, livro sagrado do cristianismo, não faz revelações diretas de sua imagem “a exceção do Gênesis, onde assume a forma de serpente.” (ECO, 2007, p.73). Em outras partes do livro cristão, Satanás é identificado apenas pelos seus atos e não pela sua aparência.

Na cultura ocidental, as atitudes malvadas também são comparadas à feiúra, por exemplo, quando alguma criança comete um ato maldoso, o adulto chama a atenção dela atribuindo-lhe o título de feia, ou seja, a criança passa a ser feia por não ter uma boa atitude. O uso dessa característica (feio) é aproveitado nos contos também para amedrontar as crianças em relação as suas atitudes; ninguém quer ser feio como a bruxa, ou nenhuma criança gosta de ter um contato com o vilão por ser desobediente.

Em busca da obediência, a igreja criou um estereótipo da imagem do mal, “Historicamente, o Diabo é uma elaboração doutrinal e imagética dos monges do século XI” (TREVISAN, 2003, p.80), uma representação imagética para fazer os fiéis temerem caso se esquivassem da doutrina da Igreja.

O feio, segundo Umberto Eco (2007), estaria associado à sensação de nojo, repulsa, horror ou de susto, ou seja, algo que não atrairia uma pessoa; logo, uma característica

importante para impor aos vilões. Segundo Trevisan (2003), muitos monges fantasiavam ou tinham visão da figura do mal; com o passar dos anos, a imagem do mal se tornava mais presente e invadia “os conventos, atormentando os servos de Deus, que o viam com frequência” (TREVISAN, 2003, p.80). Uma ilustração disto foi o depoimento de um monge que relatou ter visto o próprio mal ao lado de seu leito, citado em Trevisan (2003).

Era um tanto posso julgar de estatura medíocre, com pescoço fina, um rosto macilento, olhos muito pretos, face rugosa e crispada, as narinas apertadas, queixo fugidio e muito direito, barba de bigode, orelhas felpudas e afiladas, cabelos eriçados, dentes de cão, crânio pontiagudo, peito inchado, as costas arqueadas, as nádegas trêmulas, vestuário sórdido [...] (TREVISAN, 2003, p.81).

A associação do feio ao maligno é conveniente quando passa a ser usada para causar uma das características citadas acima, como o nojo ou susto. Essas peculiaridades são aproveitadas, tanto pelos monges como pelos contos infantis, para edificar o estereótipo imagético do maléfico. Apesar de, nem sempre, o mal aparecer tão feio nas animações, em nossa concepção, guiada pelos atos e não pela a imagem, os vilões, normalmente, são classificados de feiosos. E, quando o mocinho da história é classificado como feio, ele passa a ser considerado o vilão da história, como acontece com o Quasímodo, da animação “O Corcunda de Nortre-Dame”, de 1996, e o personagem de Shrek, da animação homônima de 2001. No entanto, com o desenrolar do enredo, os mocinhos, antes classificados apenas pela a aparência desagradável, conquistam a titulação de heróis e queridos pelo público devido suas atitudes.

Para fazer uma relação entre maldade e feiúra, tomamos como referência dois contos infantis: “Branca de Neve e os setes anões”, que foi adaptado e produzido por Walt Disney, lançado em 1937, considerado o primeiro filme de animação da Disney, e a “A pequena sereia”, uma produção de 1989 que faz renascer o sucesso das animações dos estúdios Disney, a história é baseada no conto do autor Hans Christian Andersen.

Os estúdios Disney buscam inspirações culturais e baseiam-se em histórias clássicas, como as animações de “Cinderela” (1950), “A bela adormecida” (1959), “Enrolados” (2010), para construir a maioria de seus filmes, fazendo com que as narrativas sejam conhecidas por indivíduos de diversos países. Segundo Warnier (2000), esses produtos podem ser distribuídos ao mundo inteiro, e, com eles, os elementos culturais do país de origem ou de outros povos.

A Disney faz adaptações de contos de variadas culturas e os enquadra numa receita de sucesso. Na maioria das animações, a menina se apaixona por um príncipe, ou equivalente, também existe o vilão que tenta atrapalhá-los, porém, no final, tudo é resolvido por algo mágico. Por ser uma imagem assustadora para as crianças, o desfecho do vilão nos contos, normalmente, não é agradável. Nessa construção, adotamos como referência duas vilãs dos contos animados dos estúdios Disney: a Rainha, madrasta má de Branca de Neve (Anexo 1), e Úrsula (Anexo 2), a Bruxa do mar de “A pequena sereia”.

Nesse trabalho, partiu-se da hipótese de que a classificação da feiúra estética dos vilões nos contos pode ser transportada para a construção do desenho infantil, influenciando, ou não, a ilustração desses personagens pela criança.

Para analisar a construção da imagem estética do maléfico no desenho infantil, foi utilizada a leitura do conto dos irmãos Grimm, “Branca de Neve e os setes anões”, do qual crianças da rede pública de ensino tomaram como referência criativa ao realizarem seus desenhos da madrasta má, a vilã da história de Branca de Neve.

2 FEIO: ANTÔNIMO DO BELO

Na cultura grega, berço da cultura ocidental, é fácil encontramos indícios da construção da feiúra ao classificar o belo. Os filósofos gregos criaram padrões para qualificar o belo, segundo Benedito Nunes, Sócrates, um filósofo grego do período clássico, por exemplo, “ensinou aos seus discípulos que tudo o que pode chamar de belo é útil, preenchendo uma função” (NUNES, 2003, p.18), logo pernas que não andam, não seriam belas pernas, pois não teria uma função do caminhar ou de sustentar um corpo. E, como o antônimo de belo é feio, tudo que não tinha utilidade para Sócrates e seus discípulos, poderia ser considerado feio?

2.1 O FEIO NA SOCIEDADE OCIDENTAL

A beleza do homem, para os filósofos gregos, também poderia ser conceituada segundo a estética (equilíbrio, simetria, proporções definidas), a moral (belas ações) e a espiritual (conhecimento). Logo, um indivíduo que não tivesse essas características seria considerado um ser não belo, ou seja, feio.

A feiúra, na sociedade ocidental, é construída em cima da oposição ao belo, mesmo que “os conceitos de belo e feio sejam relativos aos vários períodos históricos” (ECO, 2007, p. 15), ou seja, o conceito de beleza modifica-se ao longo dos anos, logo o da feiúra também, pois o conceito de feiúra está relacionado diretamente ao da beleza, tudo que não é belo torna-se naturalmente feio.

Atualmente, a sociedade ocidental associa a beleza, principalmente, a estética, ao corpóreo. Os corpos são parte fundamental para classificar um indivíduo em belo ou em feio, hoje a beleza está cercada de padrões estabelecidos pela moda, pela indústria midiática. A mídia estabelece a roupa, a atitude, o corpo que um sujeito deve obter para estar dentro do padrão de beleza, porém o que menos importa neste modelo é o conhecimento intelectual, a estética corpórea, na sociedade ocidental, é a mais relevante classificadora de beleza.

Na Grécia Antiga, no entanto, já se cultuava o corpo, porém o conhecimento também era importante para a edificação da beleza grega, somente a forma não era satisfatória, o conteúdo da mente também era importante. Podemos considerar que a feio estético,

juntamente com as más ações e a carência de conhecimento colaborava para construção de um indivíduo não belo.

Eco (2007) descreve outra característica da feiúra, segundo o autor, o feio está ligado à velhice e o belo a juventude. As belas esculturas clássicas da Grécia são exemplos desta afirmação, as imagens representadas, normalmente eram de figuras jovens, com corpos bem definidos, as cabeças das estatuas do século V, nunca eram “reproduzidas com rugas da testa ou expressões” (GOMBRICH, 1999, p. 106), ou seja, a juventude poderia ser usada como uma importante qualificação da beleza na sociedade grega.

Na sociedade ocidental, a animação de Walt Disney, também usa esse recurso, quando relaciona a feiúra à velhice, ao representar a Rainha como uma velha, no momento, que a feiticeira se disfarça para levar a maçã para envenenar a Branca de Neve. Relacionando a representação da velhinha à feiúra e ao mal e a juventude de Branca de Neve, ao belo e ao bem.

O desejo de permanecer belo por mais tempo está associado, cada vez mais, no universo ocidental, a juventude, por isso a cada ano que passa mais indivíduos são submetidos às cirurgias plásticas para retirar as marcas de expressões e manter a forma jovial, e assim continuarem belo.

2.2 O FEIO NA ARTE

A Arte que durante e posteriormente ao período renascentista foi considerada sinônimo de beleza, vem modificando-se e quebrando essa ideia. Atualmente, a obra de arte pode ser uma forma de pensamento, de reflexão dos padrões de belezas atuais.

Alguns artistas visuais buscam trabalhar em suas obras questões que façam a sociedade refletir sobre o conceito recente de beleza, podemos aludir como exemplo a artista plástica Orlan, que transformou seu rosto e corpo por meio de diversas cirurgias plástica para edificar uma aparência não convencional. Em uma de suas obras, Orlan passou por uma operação para estender o nariz em um experimento de simular um ritual de morte de uma antiga civilização pré-colombiana, em outra, ela passou por uma cirurgia na qual instalou dois pequenos implantes de cada lado da testa, parecido com chifres.

Em entrevista para *The Guardian* em 2009 Orlan disse que o “objetivo de suas intervenções cirúrgicas não é ficar bonita. Ela quer mais é chocar – e escancarar os absurdos da busca por um padrão de beleza”. A artista em suas obras trabalha com proposta da

desconstrução dos padrões de imagem, fazendo algo diferente do cotidiano, e do que os meios



(Figura 1) El Greco, “A Abertura do Quinto Selo” (1608–1614), óleo, 225 × 193 cm., New York, Metropolitan Museum)

de comunicação trazem. Orlan tem suas obras consideradas monstruosas por alguns críticos, pois a artista transforma seu próprio corpo em obras que, visualmente, causam no indivíduo certa estranheza ou repulsa. Segundo Eco (2007), esses adjetivos estariam coligados à feiúra.

Alguns movimentos artísticos também tratam o belo diferente do consenso clássico, no maneirismo há uma prevalência da expressão versus a beleza estética, um exemplo desta manifestação artística é o pintor Domenikos Theotokopoulos (1541? -1614), mais conhecido como El Greco. Nas obras de El Greco é possível observar a deformação das formas em favor da expressão, da emoção construída pela narrativa pictórica. Segundo Gombrich, “El Greco tinha aprendido muito com o método não=ortodoxo de composição assimétrica de Tintoretto, e que também tinha adotado o maneirismo das figuras exageradamente alongadas” (GOMBRICH, 1999, p. 373). Ao analisar a obra “A abertura do Quinto Selo do Apocalipse” (1608-1614) (Fig. 1), é possível ver a torção

das formas e compressão do espaço pictórico que El Greco constrói.



(Figura 2) Goya, “Rei Fernando VII de Espanha, (1814). óleo sobre tela, 207X140 cm; Prado, Madri.

A pintura de El Greco foi criticada pelos estudiosos da arte daquele tempo e seus sucessores, o artista foi rejeitado por um longo período, devido às características empregadas em suas obras que diluíram a composição clássica de pintura daquele momento. Porém, a pintura do El Greco foi redescoberta no século XIX, por alguns artistas, dentre eles estão, Cézane e Gauguin. Então, El Greco passou a ser considerado, por alguns críticos, como o precursor do estilo Expressionista.

Outro artista, também avaliado como antecessor do Expressionismo, foi o espanhol Francisco Goya (1746-1828), que foi pintor da corte espanhola graças aos retratos.

Goya retratou claramente todos os seus clientes. A obra “Rei Fernando VII de Espanha” (1814) (Fig. 2), é um exemplo de um retrato que transmite toda a ambição e feiúra, visíveis no Rei, naquela época, segundo Gombrich (1999, p. 488), “Nenhum pintor da corte, antes ou depois de Goya, deixou semelhante registro de seus clientes.” Goya pintava os fregueses como eles eram, independente, deles serem feios ou belos.

Porém, o que nos vai chamar atenção para a arte do pintor está relacionado com o fim de sua carreira, fase batizada de “Pinturas Negras”, onde o artista constrói obras sombrias realizadas nas paredes de uma casa aos arredores de Madri, essas obras, além de possuir um grau de feiúra, como no retrato do Rei Fernando, também são bastante tenebrosas. Um exemplo dessa fase de Goya, que mostra, talvez, um gênio atormentado, é a obra “Saturno Devorando seus filhos” (1819-1823) (Fig. 3), a obra é uma pintura que causa certo estranhamento ao espectador, a obra relata atos de infanticídio e canibalismo. Acontecimento retirado da mitologia romana, do qual Saturno recebe uma profecia de que ele seria destronado por um de seus filhos, então o deus romano resolve devorar todos seus descendentes. Na obra, Saturno é pintado de forma grotesca, sem um limite marcante, com pinceladas intensas e vibrantes para representar o horror enquanto devora seu filho. Filho que na pintura é representado por um corpo adulto, ao invés de uma criança, como conta o mito.



(Figura 3) Goya, “Saturno devorando seus filhos” (1819- 23), Óleo sobre reboco trasladado a tela, 146 X 83 cm; Museu do Prado, Madri.



(Figura 4) Munch, “O grito” (1895), Litogravura, 35,5 X 25,4cm.

Também, não podemos nos esquecer das gravuras de Goya, que são tão perturbadoras quanto as suas “Pinturas Negras”. A temática das gravuras é, em sua maioria, de “visões fantásticas de bruxas e aparições sobrenaturais.” (GOMBRICH, 1999, p. 488). As gravuras retratam figuras assombrosas e estranhas.

Os artistas expressionistas também possuem obras que personificam a feiúra. Naquele momento, os pintores, procuraram inspirar-se nos sentimentos humanos, nas emoções. Um exemplo marcante, deste estilo, é a pintura de Edvard Munch (1863-1944). O autor na obra “O grito” (1893) (Fig. 4),

adota uma temática perturbadora ao retratar o estado mental do personagem. A intensidade é tamanha, como a agonia de um grito silencioso, fazendo com que a figura representada por Munch, fique distorcida.

No Barroco, as emoções também foram exacerbadas, porém, o estilo trilha o caminho de um sentimento mórbido, segundo Trevisan (2003, p.242), “o Barroco acentuou os sofrimentos de seus mártires, ou conferiu aos seus confessores uma interioridade sombria.” Os pintores barrocos trabalhavam com a questão cenográfica da luz, formando partes de intensa luminosidade e fortes sombras, para enfatizar a dramaticidade em suas obras.

O pintor barroco Michelangelo da Caravaggio (1573? -1610) além trabalhar intensamente a questão da luz e da sombra, ainda retratou em suas obras grande grau de naturalismo. O pintor não tinha apreço pelos padrões clássicos, para Caravaggio, o que lhe interessava era a verdade, sendo assim, pintava as encenações bíblicas, como cenas do cotidiano, os apóstolos como homens comuns, tendo as expressões faciais à mostra e com vestimentas simples, sem qualquer luxo ou beleza. “Muitas pessoas achavam que o seu principal intuito era chocar o público; que ele não tinha o menor respeito por qualquer espécie de beleza ou tradição.” (GOMBRICH, 1999, p. 392), pois eles pensavam que Caravaggio era contrário a representação clássica, mas para o pintor, o que lhe interessava era “copiar fielmente a natureza, independente que essa fosse feia ou bela” (GOMBRICH, 1999, p. 393). Sendo assim, Caravaggio construía em suas pinturas personagens de expressões assombrosas, pois o trágico nos rostos dos personagens também fazia parte de suas obras.

A Idade Média também possui representações do distanciamento da beleza clássica. É da escultura gótica a maior parte destas produções, onde o feio e o grotesco são abordados por meio de obras classificadas de Gárgulas. As Gárgulas são esculturas que possuem a funcionalidade de escoar água da chuva das calhas para longe das paredes das edificações góticas, representam figuras grotescas de animais fantásticos e mitológicos. Podemos encontrar as gárgulas na Catedral de Notre-Dame de Paris, na parte superior da fachada ocidental, onde é possível visualizar melhor essas figuras que podem projetar-se até noventa centímetros das construções.

O próprio conceito da Arte gótica seria sinônimo de uma Arte bárbara. Foi um estilo intenso com muitos detalhes e considerado, por muito tempo, como inferior pelos artistas posteriores a Idade Média, pois eles acreditavam que a Arte clássica que tanto admiravam e buscavam tivesse sido corrompida.

Ao longo da história da arte, a Arte foi criticada por se distanciar dos padrões clássicos, dos tradicionais, do belo. Quando um artista, pintor, escultor ou outro, afastava-se ou questionava as regras da arte acadêmicas, suas obras eram consideradas estranhas ou, no mais popular, feias. Foi assim com o movimento cubista, que dissolveu a harmonia clássica e fragmentou a realidade elaborando uma estética cubista, transformando a ilusão da tridimensionalidade, da perspectiva, em um plano pictórico bidimensional, decompondo ou sintetizando as formas dos objetos.

3 O VILÃO E A FEIÚRA

Ao criar um personagem, o autor busca diversas referências visuais, instaladas pela cultura, a figura do vilão foi elaborada durante séculos. O vilão está associado a uma figura má e sua representação é construída em cima da criatura, classificada de malvada pela cultura ocidental, o Demônio. Esta criatura, que antes era conceitual, teve suas características criadas e agregadas à feiúra depois do século XI. Por meio da observação de obras plásticas, podemos perceber que a figura maléfica é representada, na maioria das vezes, com um grau de estranheza, fazendo que o observador repudie aquela imagem e, conseqüentemente, as atitudes edificadas pela figura maligna.

Nos desenhos animados, baseados nos contos de fadas, a aparência do vilão também é construída para causar repúdio, fazendo que o espectador infantil, abandone a ideia da perversidade, assim como foi organizada a ideia de maldade pela Igreja, criando a imagem de Satã.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DO MALÉFICO

Na história da arte foram muitas as obras que recriaram feições do maligno, muitos artistas construíram com base em textos ou em estereótipos a personificação do mal, a característica mais marcante dessa figura seria a feiúra. No entanto, a imagem que melhor representa o maléfico no ocidente (Satanás) foi criada a partir da tradição cristã, que após o século XI, ignora completamente a natureza inicial desse personagem que teria sido um anjo. “Uma de suas mais antigas figurações, nas paredes da igreja de Baouit no Egito (século VI), o representa sob os traços de um anjo, decaído, sem dúvida, e com unhas recurvas, mas sem feiúra e com um sorriso um pouco irônico” (DELUMEAU, 2009, p. 354), a representação demoníaca de Satã ainda não tinha sido construída.

A imagem do espírito das trevas é rara durante vários períodos da história, Segundo Jean Delumeau, “Satã pouco aparece na arte cristã primitiva, e os afrescos das catacumbas tinham-no ignorado.” (DELUMEAU, 2009, p. 354), porém nos séculos XI e XII a representação do Diabo começa a ser consolidada, multiplicando-se durante a Idade Média, de um ser antes do pensamento, do imaginário, para uma criatura concreta. Contudo, a figura

medieval de Satanás é criada em cima de ações terríveis, mas cômicas e divertidas, acabando por tornar sua imagem corriqueira, contudo não deixando de ser assustadora.

No século XIV, as características demoníacas do Diabo invadem a Europa, transformando aquela figura caricata em algo mais carregado, mais maléfico. Os dogmas da Igreja Católica, naquele momento, começam a ser questionados, porém a Igreja não modifica seus princípios e, ao contrário, tenta avigorar sua doutrina. Este reforço dogmático da Igreja pode ter transformado o Demônio em uma criatura mais maligna. No entanto, esta tonificação da doutrina, junto com as práticas religiosas duvidosas da Igreja Católica, acaba abrindo espaço para a Reforma protestante, que aparece nos séculos seguintes.

Na exposição “Herança do sagrado: obras primas do Vaticano e de museus italianos” realizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, no período de 10 de julho a 13 de outubro de 2013, foi exposta a obra do artista genovês Domenico Piola (1627- 1703), que traz a representação do Demônio já como uma figura mais maligna. Em sua obra “A Instituição da Eucaristia” (1690), o pintor genovês retrata a Última Ceia de Cristo, uma passagem importante da Bíblia para a Igreja Católica. Nela a figura sombria do demônio camuflado entre a toalha, embaixo da mesa, parece sussurrar palavras de perdição ao ouvido de um personagem bíblico identificado como o traidor de Jesus, enquanto os outros apóstolos estão atentos em adoração. Apesar dos questionamentos feitos à Igreja, e conseqüentemente seus reforços dogmáticos favorecerem a construção de uma criatura malvada, esta atitude não foi a única a favorecer o imaginário artístico daquela época.

Outro motivo que poderia ter ajudado na mudança imagética de Satanás segundo Delumeau (2009), foi o livro de Dante Alighieri, “A divina comédia”, que distinguiu emblematicamente a passagem entre a figura de um Demônio caricato para uma representação satânica. Dante fez uma descrição alegórica do inferno, ele dividiu sua obra em Inferno, Purgatório e Paraíso, fazendo com que a imaginação de alguns artistas, daquele momento e épocas posteriores, aflorasse.

O texto de Dante influenciou vários artistas na construção de suas obras. Uma desta influência foi o artista Miguel Ângelo (1475- 1564), que utilizou, aparentemente, parte do texto de Dante para criar o cenário do inferno na obra “Juízo Final” (1535-1541) (Fig. 5).

O “Juízo final” é um afresco (técnica de pintura mural, executada sobre uma base de gesso ou nata de cal ainda úmida) que está situado na parede do altar da Capela Sistina, localizada no Vaticano. A obra ilustra cenas dramáticas com a expressão perturbadora de



(Figura 5) Miguel Ângelo , “O Juízo Final “, (1535-1541), afresco, 1370 x 1200cm; Capela Sistina, Vaticano.

todas as figuras em volta de Cristo. Ao centro, Jesus, aparentemente, julga a maioria dos personagens que se esquivam, pois são ameaçados pelo movimento severo do braço, apenas Maria permanece ao seu lado. Abaixo, à direita, estão as figuras dos pecadores, que se seguram para não caírem ou serem arrastados para o inferno pelas figuras demoníacas. Os pecadores são amontoados na barca comandada supostamente por Caronte, ser da mitologia grega que fazia a

passagem da terra para o inferno. No afresco de Miguel Ângelo, o barqueiro também possui esta função, e, é ilustrado como no livro de Dante, no momento que golpeia os condenados com o remo, “Caronte, os ígneos olhos revolvendo./Lhes acenava e a todos recebia:/ Remo em punho, as tardias vai batendo.” (ALIGHIERI, 1955, p. 36). No canto inferior direito, está a suposta entrada do inferno, construída em cima de cores quentes e, ao mesmo tempo, com contraste de luz e sombra, transformando a entrada em um local tenebroso. Mais acima, estão os anjos que, de uma nuvem, soam as trombetas do juízo. A representação do maléfico está aparente nas figuras demoníacas, com corpo humano, orelhas pontiagudas e pés animais.

O artista Sandro Botticelli (1445- 1510), também teve parte de seu trabalho dedicado à representação do mau, o artista ilustrou cada parte da obra de Dante, denominada de canto. Em “Satanás, traidores e benfeitores” (1480- 1495) (Fig. 6). Botticelli desenha um Satanás



(Figura 6) Botticelli, “Satanás, traidores e benfeitores” (1480- 1495), réplicas dos originais no Gabinete de Gravura em Berlim e na Biblioteca do Vaticano.

assustador, mesmo sem coloração, a imagem retrata um Anticristo sombrio, com chifres, com corpo peludo, com asas de morcego e orelhas largas, parece com três cabeças e narinas abertas e deformadas, devorando os condenados com seus dentes pontiagudos e um olhar ameaçador. A figura maligna ocupa toda obra, não existe plano de fundo, o que valoriza

ainda mais o ser criado pelo artista. Botticelli realizou um desenho, realmente, diabólico.

Atravessaram-se séculos, e o texto de Dante Alighieri continuou incentivando o imaginário dos artistas, a obra de William Adolphe Bouguereau (1825- 1905) “Dante e Virgílio no Inferno” (1850) (Fig. 7), elucida parte da narrativa de Dante, localizada no oitavo círculo do Inferno, a obra relata o momento em que Dante, acompanhado por Virgílio, assiste a uma luta entre duas almas condenadas. A representação de Satã está visível no terceiro plano da imagem, como uma figura alada, de chifres e pele acinzentada. A estrutura do inferno, assim como na obra de Michel Ângelo, é um cenário dramático formado por agonia e dor que é transmitida pelos personagens que compõem a pintura, a não ser pelo Demônio, que possui um sorriso diabólico e irônico na face. A construção do plano de fundo, com base nas cores quentes, ajuda a formar uma cena mais carregada e infernal.



(Figura 7) William Adolphe Bouguereau, “Dante e Virgílio no Inferno” (1850), óleo sobre tela, 225 x 281 cm, coleção privada.

Gustave Doré (1832-1883) também ilustrou o mal de “A divina Comédia”. Na passagem em que Dante e Virgílio fogem dos demônios (Fig. 8), Doré representa os seres



(Figura 8) Doré, “Fuga dos dez diabos (Canto XXIII)”, desenho, (1961-1968).

malignos por meio de asas e chifres. Na obra os seres do mal estão em segundo plano, em cima de um penhasco, esperando Dante e Virgílio, as asas de morcego das criaturas chamam a atenção na imagem, pois caracterizam ainda mais os seres perversos.

Outro artista que retratou o maligno, por meio da obra de Dante, foi Salvador Dalí (1904- 1989), que representou o Anticristo em o “Diabo Lógico” (195?) e na obra “O diabo negro” as duas imagens foram feitas em aquarelas e depois reproduzidas em xilogravura, técnica que traça sobre uma superfície de madeira sulcos rebaixados, a imagem fica em relevo, o que

possibilita a reprodução e a gravação da imagem em papel.

Na obra “O diabo negro” (195?) (Fig. 9), o ser diabólico, que assim, como na maioria das representações, possui asas, é constituído por uma criatura híbrida, uma serpente com feição feminina, relaciona o ser maléfico à figura da mulher. Na obra de Dalí, o plano de fundo é cercado pelo predomínio da cor quente, principalmente, na extremidade da obra, na qual a cor é mais intensa do que no centro. O Demônio, na ilustração de Dalí, é a reprodução do ser que levou o homem a cometer o pecado mortal, “O diabo Negro” torna-se a representação da serpente, o ser malvado que habitava o Jardim do Éden, e ao mesmo tempo, da figura de Eva, companheira do homem, segundo a religião judaico-cristã.



(Figura 9) Dalí, “O diabo negro” (195?), aquarela.

A figura do mal na sociedade ocidental esta aliada ao demônio, e a construção imagética desta figura esta também relacionada à feiúra, dentre as representações observadas poucas arquitetam Satã com uma imagem sem monstruosidades. Mesmo quando o vilão do cristianismo é representado pela figura feminina, Satanás, é carregado de acessórios imagéticos que causa estranheza a quem olha. E, é essa figura da mulher, que se baseia a imagem maléfica das vilãs de alguns contos infantis.

Algumas narrativas infantis vão associar o mal à mulher devido a fatores históricos e religiosos.

4 A CONSTRUÇÃO DA MULHER EM VILÃ

“A mulher era confundida, no imaginário religioso, com as tentações demoníacas.” (TREVISAN, 2003, p.85). A associação do mal com a mulher sempre existiu, segundo Trevisan (2003, p.85), “Não foi Eva quem, logo após a criação do homem, o arrastou ao pecado original, induzindo-o a comer a maçã oferecida pela serpente?”. Sendo assim, o sexo masculino buscou “um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher.” (DELUMEAU, 2009, p. 468).

Nas igrejas românicas a temática da mulher como representação do mal é observada nos relevos “Num capietl de Saint Benôit-sur- Loire, anterior a 1108 dC., representa-se “a mais diabólica de todas as tentações”: o diabo oferecendo-se a São Bento sob forma de uma mulher nua” (TREVISAN, 2003, p.86). Já na Catedral de Norte- Dame em Paris, o relevo nomeado de “A tentação de Adão e Eva” uma mulher assume o lugar da serpente. (TREVISAN, 2003). A mulher é condenada não só por comer o fruto proibido, mas por ser a representação do próprio mal.

Na mitologia grega, a mulher também foi à destruidora da paz, pois a humanidade vivia em tranquilidade até sua chegada. O mito de Pandora, a primeira mulher criada, relata a perturbação que ela causou aos homens ao abrir a caixa. Segundo o mito, “Pandora foi tomada por intensa curiosidade de saber o que continha aquela caixa, e, certo dia, destampou-a para olhar. Assim, escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas” (BULFINCH, 2006, p. 24), ou seja, todos os males da humanidade foram disseminados pela mulher, um ser impuro.

A mulher não podia participar das atividades religiosas, sua presença era recusada no culto do templo. (DELUMEAU, 2009) Mas, não apenas, os judeus religiosos consideravam a mulher um agente de Satã, os leigos também.

A figura feminina sempre representou um mistério para o imaginário masculino. Durante o período medieval a associação do Diabo com a mulher ficou mais forte, devido à relação dela com a concepção sexual do século XI (TREVISAN, 2003), que tratava a mulher como a sedutora, como o ser que induzia o homem a aflorar sua mente ao sexo, pois nesse momento a sexualidade torna-se importante classificadora do pecado. A mulher passa a ser condenada pelas suas atitudes tentadoras e sedutoras que encaminham o homem ao desejo

sexual, e logo ao pecado. Esse enigma classificado de mulher foi almejado ao mesmo tempo em que foi temido pelo sexo oposto.

Durante a Idade Média, a relação do pecado com o ato sexual é subentendido na ideia de feitiçaria, contribuindo para dar aos hereges um conceito de depravação, ou seja, pessoas que estivessem ligadas de algum tipo ao pecado da carne eram pecadoras. Por isso, muitas mulheres suspeitas de heresia foram perseguidas pela Igreja.

A mulher era alvo, na maioria das vezes, de acusações de heresias, devido a sua histórica atitude pecaminosa e ao temor dos homens, em relação ao mistério feminino, “a mulher sempre foi acreditada, nas civilizações tradicionais, do poder não só de profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas” (DELUMEAU, 2009, p. 464).

Muitos elementos fizeram que as mulheres fossem acusadas de feitiçaria, as receitas místicas, o poder de profetizar, porém é um curioso objeto doméstico, conhecido por não conter poder algum, que normalmente, caracteriza a feiticeira de diversas narrativas, a vassoura, Segundo Jean Chevalier (1986, p.462), quando a vassoura inverte o seu papel de proteção, ela se torna um instrumento do mal, o autor finaliza o significado do elemento vassoura comparando a um símbolo fálico de poder. Um objeto que simboliza, ao mesmo tempo, o mal, o pecado e o poder, deve fazer parte da construção alegórica das feiticeiras.

O medo das feiticeiras também estava ligado à sexualidade, o medo do homem de ser castrado, pois as feiticeiras tinham o poder de enganar, e poderiam, assim como o Demônio, forjar a subtração do pênis de alguém (DELUMEAU, 2009). A mulher que ao mesmo tempo provocava o homem ao pecado poderia retirar todo o seu prazer sexual, ou seja, um paradoxo.

A associação da feitiçaria com o maléfico, fez surgir variadas denúncias, principalmente, contra as mulheres. Devido a diversas acusações, pessoas foram julgadas por cometer heresias e condenadas pelo temível Tribunal de Inquisição, estabelecido com o intento de averiguar e castigar delitos contra a fé católica. Ao longo de anos, muitas mulheres foram queimadas vivas por questionarem a doutrina católica, esse ritual durou até o século XVIII, em plena Idade Moderna.

A narrativa dos contos de fadas “Branca de Neve e os sete anões” e “A pequena sereia” estão impregnadas historicamente das atitudes femininas coligadas ao maligno, pois os vilões destes contos são mulheres com capacidades mágicas, ou seja, feiticeiras e bruxas que utilizam seus poderes para praticar o mal.

5 ANÁLISE IMAGÉTICA DAS VILÃS DAS ANIMAÇÕES

Análise das imagens das vilãs é necessário para entendermos como é construído o mal nos desenhos animados que utilizam como base de inspiração os contos da literatura, hoje considerada infantil. Como a imagem do mal é construída pelos criadores dessas animações e como eles visualizam os personagens maléficis das histórias de “Branca de Neve e os sete anões” e “A pequena sereia”, levando para diferentes países uma elaboração imagética do mal por meio das vilãs desses desenhos animados.

A imagem é universal e pode ser compreendida em qualquer contexto histórico e cultural. Para professora Martine Joly (1996, p.42), o cinema mudo, “era uma linguagem universal e que o surgimento do cinema falado poderia particularizá-lo e isolá-lo”, porém mesmo o cinema sendo falado, as imagens das animações ainda “falam” visualmente.

As vilãs das animações estudadas possuem uma leitura imagética bastante específica, em relação as suas atitudes malvadas, a imagem faz com que o indivíduo espectador reconheça previamente seus atos, pois também é possível identificar um personagem pelos estereótipos imagéticos criados para enquadrá-lo num determinado grupo, neste caso, o grupo das vilãs.

5.1 A SEGUNDA MAIS BELA DO REINO

Nos contos o vilão, normalmente, é considerado um personagem feioso, até mesmo, pela construção da nossa cultura que criou um estereótipo para estas figuras infantis, contudo no conto da “Branca de neve e os sete anões” a madrasta malvada, a vilã da história, disputa o lugar de mais bela do reino com a mocinha, Branca de Neve:

Um dia a rainha, sua madrasta, consultou como de costume o espelho.
- Espelhinho, meu espelhinho, responda-me com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?
O espelho respondeu:
- Real senhora, sois aqui a mais bela, Porém Branca de Neve é de vós ainda mais bela! (ESTÉS, 2002, p. 25)

A rainha malvada (Fig. 10) possui uma aparência bela, mas para muitos indivíduos sua imagem é considerada feiosa, pois é construída em cima de seus atos. Neste conto, a grande



(Figura 10) Fragmento da vilã do filme “Branca de Neve e os setes anões”, Estúdios Disney.

parte das crianças, apenas reconhece a Rainha como a velhinha (Fig.11), que muda sua aparência para enganar Branca de Neve, no entanto, a figura da velhinha era para ser inofensiva para iludir a princesa, mas ela acaba adquirindo a classificação de bruxa, e as crianças dificilmente assimilam a beleza da Rainha. A imagem da madrasta passa ser de uma velha feia e má, “retomando uma concepção que retrocede sempre no mundo grego (...), segundo a qual a beleza acompanha a juventude e a feiúra, a velhice” (ECO, 2007, p.27). Das duas imagens que a madrasta possui na animação dos estúdios Disney, a velhinha é a que mais salta aos nossos olhos, com as características de um vilão, já que, temos a velhice também como um exemplo da feiúra, e a feiúra como exemplo da maldade.

A indumentária dos vilões é outro fator marcante para classificar os personagens nesta categoria, a roupa da madrasta má possui características relevantes da representação do mal, as cores de tonalidade escuras e a predominância do preto, nos remete as trevas, fazendo alusão ao local onde reside o mal cristão, o inferno. No entanto, “varias religiões já haviam concebido um lugar, em geral subterrâneo, onde vagavam as sombras dos mortos” (ECO, 2007, p.82), ambientes tenebrosos habitados por algo maléfico. Nos seus aposentos a rainha faz uso de um objeto mágico, do qual pergunta sobre a beleza de Branca de Neve, segundo Chevalier (1986, p.474), “o espelho mágico não é uma forma puramente divinatória e pode corromper a palavra de Deus”. Logo as palavras do espelho correspondem ao maligno e alimentam ainda mais a inveja que a rainha sente por Branca de Neve. A Rainha confia plenamente nas palavras do espelho para ajudá-la a realizar a maldade contra a princesa, pois, é ele que acusa Branca de ainda viver mesmo depois de ter mandado o caçador matá-la.

Quando o espelho conta a Rainha que Branca de Neve ainda vive, ela vai até um local tenebroso escondido de tudo, para preparar sua porção que enfeitiça a princesa, o conto faz referência, novamente, aos locais onde o mal habita, porém na história a ideia é um local onde se pode fazer a maldade, escondido de todos, e não um local de cumprimento de penitência.



(Figura 11) Fragmento da vilã do filme “Branca de Neve e os setes anões”, Estúdios Disney.

5.2 A IMAGEM MALÉFICA DA BRUXA DO MAR



(Figura 12) Fragmento da vilã do filme “A pequena sereia”, Estúdios Disney.

Úrsula, mais conhecida, como a Bruxa do mar (Fig. 12) devido às atitudes malvadas, possui um estereótipo clássico de uma vilã, sua imagem é baseada por meio de diversos elementos visuais que construíram o mal ao longo dos séculos.

A personagem possui uma pele de pigmentação diferente, acinzentada, sua anatomia desigual, metade mulher, metade molusco, que pode ser associada à maldade, pois, segundo Eco, estas criaturas são “maus por sua ambiguidade, (como) o Minotauro, de cabeça taurina sobre corpo humano” (ECO, 2007, p.34). Não apenas imprecisão do corpo pode estar coligada com a maldade. A indumentária da bruxa ajuda a compor o visual maligno, sua vestimenta é indefinida, não se sabe onde começa ou termina suas vestes, onde é roupa ou onde é corpo. Aliás, o corpo da vilã é bem volumoso, associando a imagem da gordura à feiúra. A maquiagem com tonalidades escuras torna seu rosto ainda mais maléfico. A bruxa é um personagem bizarro e suas características causam estranheza, e este adjetivo, segundo Eco (2007), está associado à feiúra.

Na primeira cena em que Úrsula aparece, ela está em seu refúgio, em meio à penumbra, o seu rosto não é revelado de imediato, apenas a voz surge em meio à escuridão, junto com um olhar marcante, nesta cena, o público já faz uma leitura da mensagem imagética, a associação da personagem com a vilã da história. O jogo de luz e sombra quando a vilã aparece enfatiza suas maldades. O cabelo da bruxa, que possui um penteado exótico, parece ser transformado em chifres, fazendo alusão ao ser demoníaco idealizado pela cultura do cristianismo.

Ao efetuar o plano maléfico contra Ariel, personagem principal do filme, a bruxa do mar inicia uma canção com direito a uma performance assustadora, seus olhos e sobrancelhas ressaltam, a vilã cobre a cabeça para se fazer de inocente. A cor da cena oscila entre cinza e vermelho, mesma cor empregada para representar o fogo do caldeirão, que é utilizado para fazer a porção mágica. Na cena, a cor quente também pode estar fazendo uma alusão ao inferno, pois o fogo é associado a este espaço. No momento em que Ariel canta para que sua voz seja tomada pela bruxa, a feição da vilã fica desfigurada, seus olhos são invadidos pela

cor vermelha, ou seja, a atitude maléfica de Úrsula é ainda mais acentuada nesta cena devido à intensidade da cor e da caracterização do seu rosto.

As animações constroem uma narrativa por meio do desenho, que visam cativar, principalmente, o público infantil. As histórias contadas por esse desenhos animados possuem, em sua maioria, algum tipo de estereótipo. Os contos analisados acima, por exemplo, edificam os vilões da história com um nível de feiúra elevado. Esses contos podem influenciar na construção do desenho infantil ao classificar o vilão de feio, edificando um estereótipo, pois segundo Anamelia Bueno (1996, p.36), “O estereotipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não se arriscar”, a criança assume o estereotipo como certo e carrega para sua vida, é como desenhar uma casa com chaminé, mesmo morando na cidade do Rio de Janeiro.

A criança carrega a linguagem visual por todo seu percurso escolar, e pode chegar à adolescência com os mesmos estereótipos formados ainda na infância e tomados como certos. “Os desenhos que são feitos por meio de estereótipos resultam em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios” (BUORO, 1996, p.36). Entretanto, para a maioria das crianças é confortável e seguro desenhar algo que já tenha a aprovação de todos, mesmo que a ilustração seja repetitiva.

6 O DESENHO INFANTIL

A criança ao desenhar transforma sua imaginação, suas ideias, em linguagem visual, tentando deixar registrado seus pensamentos. Cada criança possui um traçado diferenciado, logo modos diversificados de transmitir para o papel o que pensa. Os pensamentos são construídos com base nos conhecimentos vividos pela criança que, atualmente, segundo Bueno, “enfrenta os sedutores apelos da sociedade de consumo. Para citar apenas um exemplo, as normas ditadas pela televisão tornam a conduta infantil cada vez mais marcada por modelos estereotipados” (BUORO, 1996, p.35). A criança ao criar faz suposições, reúne seus conhecimentos, faz relações e transforma seus pensamentos em desenhos. Desenhos realizados com inspiração em algo que aprendeu, dentro ou fora da sua sociedade, os contos de fadas fazem parte da construção da criatividade infantil, e suas histórias podem entusiasmar na elaboração do desenho da criança.

Antes das crianças (alunos da rede pública de ensino) realizarem os desenhos, foi realizado um levantamento para apurar o que sabiam sobre o conto de fadas “A Branca de Neve e os sete anões”. Realizei uma roda de conversa, deixando os alunos livres para falarem sobre a história mencionada, e saber até que ponto os alunos tiveram influência das animações dos estúdios Disney.

6.1 ANTES DOS DESENHOS

A pesquisa foi realizada em espaços públicos de ensino, no município de Nilópolis, no município do Rio de Janeiro e no município de São João de Meriti, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2013. Classifiquei as instituições de ensino em “A”, “B” e “C”.

A instituição “A” fica localizada na cidade de Nilópolis, o espaço atende crianças até os seis anos de idade. O espaço não possui aula de artes e, é considerado um estabelecimento de educação infantil.

A turma selecionada atendia crianças entre cinco e seis anos. Para realizar a pesquisa, a professora regente da turma pediu para interagir com as crianças na rodinha, uma atividade onde a professora inicia os trabalhos didáticos rotineiro da classe. As crianças posicionaram as cadeiras de modo a formar um círculo, do qual a professora fez parte, nesse dia também fiz parte do círculo. A professora iniciou a minha apresentação e explicou que iria realizar uma

atividade artística com os alunos. As crianças ficaram entusiasmadas para fazerem a atividade, mas antes de começar a contar a história, pedi para os alunos falarem um pouco do que sabiam sobre o conto “Branca de Neve e os sete anões”.

Os alunos desse espaço eram muito falantes, mas eram pequenos, em média com cinco anos de idade, e isso facilitou a confusão de histórias, algumas crianças misturavam a narrativa da história de “Branca de Neve e os sete anões” com outros contos. Porém quando comecei a contar, todos sabiam alguma parte da história. Iniciei o conto com os alunos ainda sentados na rodinha, optei por não mostrar imagens a respeito do conto, fiz isso com todas as turmas trabalhadas, para não influenciar os alunos na hora de realizarem os desenhos. Logo após a leitura do texto, pedi para sentarem em torno das mesas para iniciarem os desenhos. Nesse espaço a turma já era acostumada a ouvir histórias sem o contato visual de livros.

A outra instituição está localizada na cidade do Rio de Janeiro, o espaço possui o ensino fundamental, do 6º ano ao 9º ano, a faixa de idade varia muito, de nove aos dezoito anos de idade.

Realizei a pesquisa apenas com o 6º ano, por ser o ano escolar com menor faixa de idade da instituição, os alunos possuíam em média entre dez a doze anos. Classifiquei a instituição de “B”.

Ao chegar à sala de aula da instituição “B”, apresentei-me e iniciei passando informações sobre a pesquisa e questionando os alunos sobre o conto selecionado, perguntei se algum aluno poderia informar algo sobre a história da “Branca de Neve e os sete anões”, alguns estudantes ficaram inquietos, pois, segundo eles, já conheciam a história e não queriam ouvi-la, no entanto, quando comecei a leitura do conto, a turma, em sua grande maioria, permaneceu em silêncio prestando atenção na narrativa contada. Não consegui realizar a leitura e a construção dos desenhos no mesmo dia, então voltei na instituição para que os alunos construíssem os desenhos.

Os últimos alunos pesquisados pertenciam ao espaço “C”, que fica localizado na cidade de São João de Meriti, a instituição de rede pública de ensino atende do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, possui alunos de idade que varia entre nove aos dezoito anos.

Nesse espaço os alunos corresponderam bem à pesquisa, realizei a leitura e depois solicitei a criação do desenho pelos alunos, trabalhei com crianças apenas do 6º ano. Surgiram algumas dúvidas por parte dos estudantes. Eles questionaram como iriam fazer um desenho sem ver o personagem, pois a princesa era fácil, a própria história narrava suas particularidades, porém a rainha não tinha suas características físicas detalhadas. Então,

expliquei que eles iriam criar como se fossem os ilustradores da história contada. Nesta instituição pedi que os alunos fizessem o desenho da mocinha também, queria investigar como eles iriam diferenciar as personagens uma da outra.

Durante os momentos de conversa, percebi respostas interessantes, questionadas por mim, sobre a personalidade da vilã da história. A primeira questão foi se eles sabiam como era a vilã da história e a segunda foi se eles sabiam como era a mocinha do conto. Vou expor algumas respostas classificando os alunos também por letras.

Na instituição “A”, os alunos falaram durante a rodinha, e alguns deles debateram sobre as questões levantadas. O aluno “K” começou dizendo que a vilã era bonita, mas malvada. O aluno “Y” interrompeu a fala do colega dizendo que ela não era muito bonita, e que tinha um nariz estranho. Já o aluno “X” disse que a vilã era bonita, mas que a Branca de Neve era mais bonita. O aluno “W” foi seguro em afirmar que a vilã era feia, porque era muito malvada, pois já tinha assistido ao DVD da história em casa, e no filme a bruxa era feia.

Na instituição “B”, os alunos falaram menos. O aluno “Z” comentou que os vilões eram feios. Já o aluno “Q” falou que a vilã era uma rainha bonita, mas ficou feia por causa da maldade.

Na instituição “C” quando realizei a pergunta, a aluna respondeu que conhecia e que a bruxa era feia, completou a informação dizendo que os vilões são sempre feios.

Por meio das respostas apresentadas podemos observar o julgamento que o vilão, o ser malvado dos contos, adquiriu ao longo dos séculos, e a influencia das animações na edificação da imagem do maléfico para as crianças.

Para exemplificar com mais detalhe, analisei alguns dos desenhos feitos pelos alunos, para observar a relação da feiúra nos vilões, pelas crianças.

6.2 OS DESENHOS DA VILÃ

Depois da conversa e da leitura os alunos começaram a construção do desenho da vilã do conto abordado. Pedi que desenhassem o/a vilão/ vilã do conto infantil “Branca de Neve e os sete anões”, não indiquei o personagem que seria desenhado, os alunos interpretaram para definir quem era o vilão da história e criar o desenho.

As crianças do espaço “A” ilustraram (Anexo 1), em sua maioria, a princesa e a madrasta mesmo pedindo apenas a vilã da história. Devido a esta atitude das crianças, observei que elas fizeram os mesmos desenhos para criar os dois personagens, para a maioria

delas, não havia diferença física entre o bem e o mal. Os desenhos mostram as duas personagens usando coroa na cabeça. Nos desenhos realizados pelas crianças do espaço de educação infantil, não observei a figura do vilão associada à feiúra, mesmo com as respostas da conversa feita na rodinha.

Analisando os desenhos construídos pelas crianças do espaço “B”, é possível observar diversos modos de ilustração da vilã do conto de fadas, porém, em sua maioria, a madrasta é representada por uma rainha, fato está afirmativa, pelo emprego do elemento alegórico que enfeita a cabeça da personagem desenhada pelos alunos. Ao fazer a leitura da história não foi mostrada nenhuma ilustração de base para a criação dos desenhos das crianças, todos os desenhos foram imaginados pelos estudantes e tiveram como fonte seus conhecimentos.



(Figura 13)
Desenhos
construídos
pelas crianças
do espaço “B”,
com base no
conto “Branca
de Neve e os
sete anões”.

No primeiro desenho (Fig. 13) (De cima para baixo, da esquerda para direita) a vilã aparece despenteada e sem a coroa na cabeça, a expressão da personagem é de tristeza devido ao desenho da boca e um olhar inexpressivo. No segundo desenho, a madrasta é ilustrada com um chapéu pontiagudo e com uma verruga no rosto, ilustrando adequadamente o estereótipo de uma bruxa, que é caracterizada como uma velha, fazendo referência ao modelo de feiúra grega, onde o feio está ligado à velhice e o belo a juventude. No desenho seguinte, outra bruxa é feita, só que nesta o aluno acrescentou a vassoura. No quarto desenho, a rainha é

representada com a arcada dentária imperfeita e usa um vestido, do qual sai um capuz que encobre a cabeça, além disso, acima de sua cabeça existem nuvens de tempestade, sugerindo a maldade que a figura da rainha representa. No último desenho, a rainha usa um vestido vermelho e preto, seus cabelos estão penteados e a expressão de raiva no rosto é sugerida pelo desenho da boca e dos olhos da personagem, fazendo com que reconheçamos a crueldade da vilã representada.



(Figura 14) Desenho "J", pertencente ao aluno da instituição "C"

O desenho "J" (Fig. 14), pertence ao aluno da instituição "C". O estudante cria uma vilã com base na animação dos estúdios Disney, a personagem é identificada com um coroa, com vestes de cor preta e com detalhe roxo na cabeça, com uma expressão de fúria. Ao realizarem a ilustração da personagem da Rainha de Branca de Neve, os alunos desse espaço, que associaram a maldade à feiúra, adotaram como inspiração alguns dos estereótipos da bruxa como, a vassoura, o chapéu pontudo e a verruga no nariz.

Entretanto, uma parte dos alunos não fez qualquer tipo de associação da vilã com a feiúra, o que é possível observar nos desenhos "L" "M" e "N".



(Figura 15) Desenho "L", pertencente aos alunos da instituição "C"

Nas ilustrações "O", a personagem da Rainha e desenhada com uma vassoura na mão, porém, no conto trabalhado, a narrativa em nenhum momento descreve a Rainha utilizando uma vassoura. O chapéu também é um outro ornamento presente nas ilustrações, mas o elemento do estranhamento da Rainha malvada vem por meio da deformação da face e do corpo, o chapéu é apenas um adereço, assim como a vassoura. Em algumas ilustrações notamos a Rainha com apenas um dos olhos, com alongamento e deformação do nariz, com a arcada dentária irregular, transformando a ilustração da personagem em uma criatura feia e até mesmo monstruosa.



(Figura 16) Desenho "M", pertencente aos alunos da instituição "C"

Analisamos que as crianças ao desenharem a

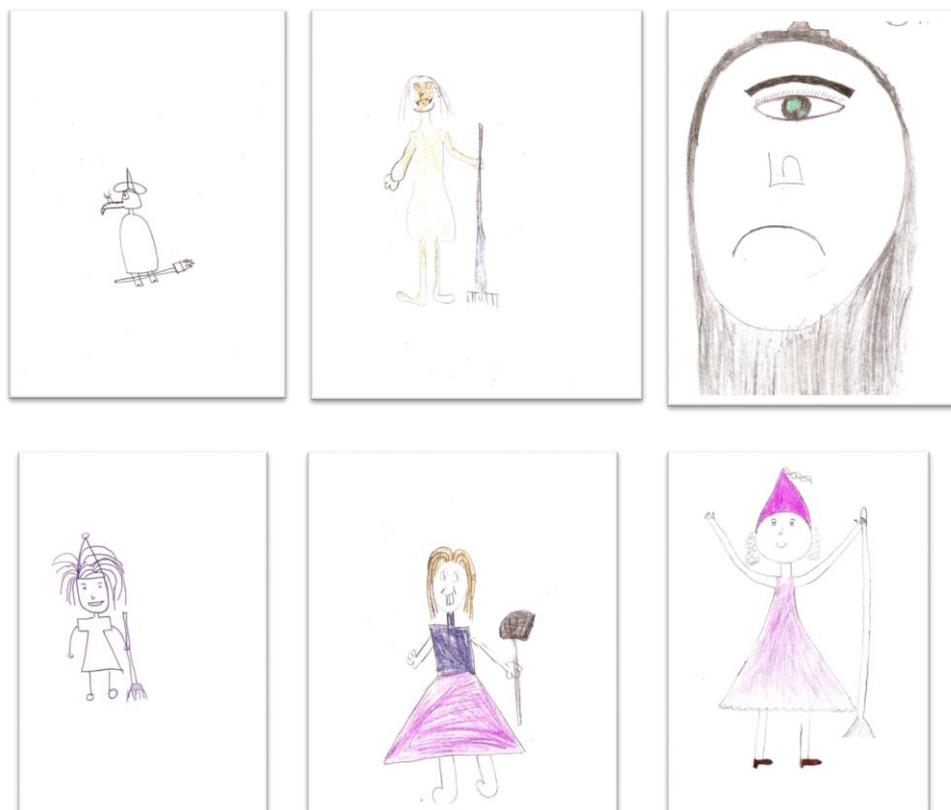


(Figura 17) Desenho “N”, pertencente aos alunos da instituição “C”

vilã e a mocinha num mesmo papel, elas intensificaram os elementos que causam estranhamento na vilã, procurando diferenciar a mocinha da vilã do conto, convertendo a Rainha numa personagem feiosa e cheia de estereótipos imagéticos.

Observamos que em nenhum momento, as ilustrações representaram a Rainha manipulando suas porções mágicas ou segurando a maçã envenenada, um adereço importante da narrativa, que causa a suposta morte de Branca de Neve pela Rainha, e que poderia caracterizá-la como a vilã do conto.

E para lembrar, que no conto a rainha não era feia, e sim, a segunda mais bela do Reino. Caso todos os desenhos acompanhassem a narrativa do conto, a Rainha deveria ser tão bela quanto Branca de Neve, porém a imagem mais associada da Rainha é quando esta se disfarça para enganar e envenenar Branca de Neve, oferecendo-lhe a maçã.



(Figura 18) Desenhos “O”, pertencente aos alunos da instituição “C”

7 A INFLUÊNCIA DA FEIÚRA DOS VILÕES NA CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL

Podemos classificar os desenhos infantis estudados nos quais, a imagem das vilãs é baseada na feiúra, pois as crianças associam a feiúra ao ser malvado, empregando alguns estereótipos. E, outro em que as crianças não representam a vilã como uma personagem feia, por não relacionarem a feiúra ao mal.

Os desenhos em que os alunos fizeram uma relação direta da vilã com a feiúra foram quatorze, em relação aos setenta e três desenhos pesquisados, sendo que vinte e um representam o total de desenhos de crianças abaixo dos seis anos, desses vinte e um, nenhum representou a vilã com feiúra aparente. Cinquenta e dois desenhos pertenciam às crianças acima dos nove anos, desses desenhos, trinta e oito ilustrações também não representaram ligação da maldade com a feiúra.

Alguns desenhos caracterizaram a personagem como malvada, somente, pelo traçado do olhar, da boca ou das sobrancelhas, outros desenhos construíram a madrasta má com sorriso no rosto, sem nenhuma aparência fora do comum. Nos grafismos que a vilã é criada com uma feição feiosa, a estranheza aparece no desenho, principalmente, por alguma anomalia na face da personagem desenhada pelos alunos. Alguns criaram vilãs sem um dos olhos, com verruga no nariz, com arcada dentária imperfeita. Outros ainda fizeram penteados exóticos em suas personagens. Todas essas características foram construídas ao logo dos séculos pela cultura ocidental e depois aproveitada pela cultura midiática.

No entanto, algumas crianças não criam a vilã com um aspecto feioso, principalmente, as menores de seis anos, pois ainda não fazem grafismos que representam sua realidade, não observamos uma presença cultural nos desenhos das crianças desta faixa de idade, segundo Nancy Rabello (2013, p.85), apenas por volta dos seis anos de idade que a criança passa a representar a sua realidade, recebendo a influência das culturas que a cerca. Nas crianças acima desta idade, já podemos observar com mais frequência a adição de elementos que causam estranheza na personagem trabalhada, até por que, julgam os vilões como criaturas espantosas, associando-o à maldade, na qual o indivíduo deve conservar distanciamento. Porém, mesmo nas crianças acima dos seis anos, é mais fácil obtermos a associação da maldade com a feiúra, quando essas procuram diferenciar o mal do bem, o que é observado nos desenhos da instituição “C” (Anexo 2) , no qual as crianças desenharam a mocinha e a

vilã da narrativa numa mesma folha, uma ao lado da outra. Para que o mal seja intensificado as crianças basearam-se nos estereótipos dos vilões para construir a Rainha do conto de Branca de Neve.

Existe uma influência imagética dos vilões no grafismo infantil, mas esta influência somente é percebida com maior intensidade, com crianças acima dos seis anos de idade, abaixo desta idade poucas crianças demonstram, nos seus desenhos, a relação com a cultura que convive, fazendo com que elas não associem à maldade a feiúra na vilã desenhada. Nas crianças acima de seis anos é mais visível a relação visual entre o feio e o mal, quando estas tentam distinguir o bem do mal, a vilã nos desenhos aparece com elementos que causam estranhamento, porém a pesquisa comprova que essa relação vem diminuindo. Talvez, devido até a própria desconstrução da cultura midiática, que tenta elaborar outros estilos de vilões e mocinhos, como o desenho animado “Monster High”, do qual a animação narra aventuras de uma escola de monstros que estão na adolescência, a associação da feiúra a maldade vem decrescendo no público infantil.

Recentemente, os estereótipos dos vilões estão sendo desconstruídos pela cultura midiática, entretanto também deve ser assunto dos educadores, que precisam levar para suas aulas este conteúdo, pois outros estereótipos de desenhos são criados e podem acompanhar muitas crianças até a idade adulta, não fazendo que o indivíduo faça uma reflexão do seu olhar. Eles olham, mas não conseguem ver. E apenas reproduzem o que já é consagrado, exercitando cada vez menos sua criatividade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edificação de um estereótipo de vilão foi construída pela Igreja que o denominou de Satanás. Por meio das artes visuais, a Igreja levou para milhares de pessoas a figura do mal associado à feiúra, porém a grande propagadora da imagem do vilão dos séculos passados para a sociedade ocidental foi destronada pela cultura midiática, que através dos meios de comunicação alcançou muito mais fieis que a Igreja, edificando e desconstruindo a imagem do maléfico do sinônimo de feiúra, através de elaborações imagéticas, como filmes, e animações, levando a imagem para diversas culturas.

A associação da mulher com o mal foi aflorada com a questão religiosa cristão, que transformou a imagem do maléfico em um ser também feminino. Distorcendo a imagem da mulher em uma criatura maligna que induz o homem a perdição. Essa leitura visual do ser feminina classificou a mulher como feiticeira e conseqüentemente, como vilã e como uma figura que causa estranheza. Os contos agregam as atitudes históricas em suas narrativas e transformaram suas vilãs conforme os estereótipos construídos ao longo dos séculos.

Quando as crianças fazem uma leitura visual dos contos de fadas podem acabar tendo sua criatividade influenciada pelos estereótipos imagéticos do mal, construídos pela cultura. No entanto, na pesquisa realizada, a maioria das crianças pequenas não associa à feiúra a maldade, mas, acima dos seis anos a situação modifica-se e algumas crianças já fazem esta relação.

Mesmo que atualmente, os meios midiáticos construam novas leituras dos vilões, as crianças ainda possuem um apego aos estereótipos imagéticos construídos culturalmente ao longo dos anos pela sociedade, no entanto, mesmo assim existe um enfraquecimento da associação da feiúra ligada à maldade, pois a concepção visual do mal em um ser feio vem sendo modificada lentamente pelos meios midiáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. Inferno. In: ___ **A Divina Comédia**. SP: Atena, 1955.

ARTISTA FRANCESA USA CIRURGIAS PLÁSTICAS COMO FORMA DE ARTE, acessado em 01 de julho de 2013. Disponível em:
<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI327780-17770,00-ARTISTA+FRANCESA+USA+CIRURGIAS+PLASTICAS+COMO+FORMA+DE+ARTE.html>> .

A PEQUENA Sereia, Diretores: Ron Clements e John Musker. Produtores: John Musker e Howard Ashman. Estados Unidos. Produção: Walt Disney Pictures e Silver Screen Partners. 1989. (85 min).

BRANCA de Neve e os sete anões. Diretores: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produtor: Walt Disney. Estados Unidos. Produção: Walt Disney Productions. 1937. (83 min).

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BUORO, Amélia Bueno. **Olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo: Educ/ Fapesp/ Cortez, 2003. 160 p.

CAPELA SISTINA, acessado em 02 de agosto de 2013. Disponível em:
<http://www.vatican.va/various/cappelle/sistina_vr/index.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Article&utm_campaign=SocialMedia&utm_content=SistineChapel>.

CATEDRAL DE NOTRE-DAME, acessado em 01 de julho de 2013. Disponível em:
<<http://www.notredamedeparis.fr>>.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário dos Símbolos**. 20. Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

DALI- A DIVINA COMÉDIA, acessado em 01 de julho de 2013. Disponível em:
<<http://www.slideshare.net/HugoAlberto5/catalogo-dali-adivinacomedia>>

DELUMEAU, Jean. Segunda parte – A cultura dirigente e o medo. In ___ **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. SP: Companhia das letras. 2009. 695 p.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. RJ: Record, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Os Contos dos Irmãos Grimm**. RJ: Rocco, 2002.

GOMBRICH, Ernst Hans. O império do belo. In: _____. **A história da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 688 p.

JEFFRIES, Stuart. “Orlan's art of sex and surgery”, acessado em 01 de julho de 2013.
Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/artanddesign/2009/jul/01/orlan-performance-artist-carnal-art>>.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. SP: Papirus, 1996. 152 p.

LARAIA, Roque. Da natureza da cultura ou da natureza à cultura. In: _____. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARCELLO, Giovanni. **A herança do Sagrado: Obras – primas do Vaticano e de museus italianos**. São Paulo: Expomus, 2013.

NUNES, Benedito. O belo e a arte. In: _____. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1992.

RABELLO, Nancy. **O desenho infantil: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores**. Rio de Janeiro: Wak, 2013. 216p.

SANDRO BOTTICELLI, acessado em 05 de julho de 2013. Disponível em:
<http://www.worldofdante.org/gallery_botticelli.html>.

TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã**. RS: AGE, 2003. 263 p.

WARNIER, Jean Pierre. A indústria como cultura. In: _____. **A mundialização da cultura**. Bauru: EDUSC, 2000.

Anexo 1



(Figura 19)
Desenhos "P",
pertencentes aos
alunos da instituição
"A"

Anexo 2



(Figura 20) Desenhos “Q”, pertencentes aos alunos da instituição “C